

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU) EM PERNAMBUCO: SUAS LUTAS E ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO NO ESTADO.

Aílla Kássia de Lemos Santos¹; Isabel Cristina Martins Guillen²

¹Estudante do Curso de História - CFCH – UFPE; E-mail: aillalemos@live.com,

²Docente/pesquisador do Depto de História – CFCH – UFPE. E-mail: icmg59@gmail.com

Sumário: Essa pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória e estratégias do Movimento Negro Unificado em Pernambuco, ressaltando as suas contribuições e destacando a relevância dessa entidade na sociedade pernambucana. Essa pesquisa se concretizou através do trabalho realizado com a documentação presente na sede do MNU-PE, na Casa da Cultura, com base na análise de documentos referentes às reuniões realizadas pela entidade na década de 1980, 1990 e a partir do ano 2000, ressaltando as metas que continuaram e as que se alteraram através dos anos. Também foram investigados assuntos relacionados à mulher negra e ao grupo de trabalho do MNU-PE, criado para a mulher, chamado Omnira. Pretende-se, portanto dar visibilidade a esses temas, que ainda são subexplorados pela academia local.

Palavras-chave: movimento negro unificado; mulheres negras; Pernambuco;

INTRODUÇÃO

Após a adesão do Movimento Negro do Recife, com o objetivo de ampliar as suas atividades, a entidade nacional Movimento Negro Unificado, em 1982, surge o Movimento Negro Unificado seção Pernambuco, que passa a existir em um período de grande mobilização social no Brasil. Com essa união o MNU-PE se juntou a luta nacional da desmistificação da democracia racial brasileira, defendeu a necessidade de organização política da população negra, procurou por fim a imagem de passividade do negro, assim recusando o dia 13 de maio, Dia da Abolição da Escravatura e estabelecendo o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como o dia para comemorações, entre outras ações. Nesse sentido, essa pesquisa tem como proposta divulgar as ideias do MNU-PE, através da análise de sua documentação, principalmente, no que concerne, as reuniões entre militantes e as estratégias dessa entidade não só para população negra em geral, como as suas atividade direcionadas a mulher negra. Pretende-se com esse trabalho provocar o interesse acerca desse tema, que é pouco analisado na historiografia brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os primeiros seis meses de pesquisas foram relativos à organização do acervo, na Casa da Cultura. Entramos em contato com a documentação que estava desorganizada e, primeiramente, instituímos categorias mais gerais para ajudar na organização, como cultura, documentos administrativos e textos de militantes. Posteriormente, começamos a organizá-los por assuntos mais específicos, fazendo uso de capilhas, pautados e outros materiais disponibilizados. Após esse processo, foi possível organizar 16 pastas sobre temas diversos, como documentos relacionados aos militantes e a parte financeira do MNU-PE. Deve-se salientar, a importância de documentos como relatórios de reuniões do MNU-PE e as atas de presença com o nome dos militantes que participavam desses encontros desde sua fundação. Foram organizados também: convocatórias, manuscritos diversos, panfletos sobre diversos temas (saúde, política, educação, direitos humanos, cultura), projetos de lei, projetos culturais, eventos culturais e fotografias. Outros

documentos organizados estavam relacionados à correspondência do MNU-PE, como cartas, ofícios e convites recebidos e enviados pela entidade. Tudo organizado por ano, para facilitar futuras pesquisas. Com a documentação devidamente organizada, foi feita a listagem de todas as pastas e de seus documentos. A digitalização desse acervo foi feita nos últimos meses de pesquisa, onde trabalhamos com duas câmeras digitais. O próximo passo foi levar estes documentos (organizados e renomeados em pastas) para os computadores do Laboratório de História Oral e da Imagem (LAHOI) na UFPE onde foram analisados com mais atenção, com o objetivo final de disponibilizá-los no site www.ufpe.br/negritude. A análise dessa parte da documentação possibilitou perceber outras questões do MNU-PE, principalmente, no que diz respeito às ações promovidas no estado, com o objetivo de combater a discriminação e o racismo. Além das dificuldades enfrentadas pela entidade e de seu trabalho cultural e pertinente à mulher negra.

RESULTADOS

Pode-se afirmar que o resultado principal durante o período de doze meses, foi à organização e digitalização do acervo do Movimento Negro Unificado em Pernambuco. Após esse trabalho, a documentação completa da entidade se encontra digitalizada nos computadores do Laboratório de História Oral e da Imagem (LAHOI) na UFPE. Foram organizadas 16 pastas com documentos diversos sobre a administração, organização e estratégias políticas e culturais criadas pelo MNU-PE. Em virtude do trabalho com a documentação no acervo e as discussões feitas pela historiografia do tema, foi possível entender as estratégias criadas pelo MNU-PE desde seu estabelecimento no início da década de 1980.

DISCUSSÃO

Antes de abordar diretamente o Movimento Negro Unificado e sua célula em Pernambuco, é necessário discutir sobre os dispositivos ideológicos utilizados pela elite branca brasileira, para desmobilizar o negro e seus movimentos, pode-se citar o mito da democracia racial, que defende a ausência de preconceito e discriminação racial no Brasil e, conseqüentemente, a existência de oportunidades econômicas e sociais iguais para brancos e negros (HASENBALG, 2005, p. 251) e o ideal de branqueamento. O combate a esses dispositivos é uma das principais propostas dos movimentos negros brasileiros, que buscaram e buscam através da denuncia da “democracia racial” expor o racismo presente na sociedade. Nesse contexto, surge o MNU no ano de 1978, colaborando na luta contra o racismo no Brasil e defendendo a comemoração do dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, como Dia Nacional da Consciência Negra, assim, rejeitando o dia 13 de maio, Dia da Abolição da Escravatura, que apresenta o negro como ser passivo em sua história. Essas ações e outras promovidas pela entidade possuem o objetivo de dar início a um processo de recuperação da identidade do negro, de sua negritude. A partir do final da década de 1970 temos o surgimento de duas entidades que divergem política e ideologicamente, mas que são fundamentais para a direção tomada pelo movimento no estado. O Teatro Experimental do Negro em Pernambuco, de caráter cultural e o Movimento Negro do Recife (MNR) que aparece com uma proposta diferente, mais alinhada a demandas políticas. Logo em seguida o MNR adere ao MNU nacional, transformando-se do MNU seção Pernambuco. O MNU frente à população negra recifense, enquanto movimento social negro considera que a sua tarefa básica é organizar politicamente esse contingente, constituindo-o em força de pressão sobre a sociedade como um todo, a fim de que também as suas necessidades específicas sejam atendidas (SILVA, 1994, p. 61). Apesar dessa postura de caráter político, através das decisões tomadas pelo MNU-PE em sua trajetória, pode-se concluir que a via culturalista torna-se a principal alternativa da entidade na tentativa de divulgar suas

atividades. Diante disso, temos eventos importantes na trajetória do MNU-PE, como a “Noite do Cafuné”, evento que aparece durante a década de 1980, na Semana da Consciência Negra e a “Terça Negra”. De acordo com Silva, o MNU-PE vem com ideia de ser diferente de outras entidades como: grupos de dança, teatro, etc., em razão de seu caráter mais político, entretanto, não é difícil perceber que essa ideia não se concretiza totalmente, e que esse movimento se afirma, sobretudo, através das manifestações culturais. Essa característica, no entanto, não é reservada apenas ao movimento do estado de Pernambuco, ela também se encontra presente na história dos movimentos negros no Brasil em geral, grande parte do ativismo afro-brasileiro tem girado em torno de uma política da cultura. (HANCHARD, 2001, p. 35). Desde sua fundação o MNU-PE contribui, com suas campanhas e outras atividades, para a desmistificação da democracia racial brasileira e para a mobilização política do negro, apesar das conquistas, vários obstáculos atrapalham essa entidade, como questões financeiras, políticas e relacionadas a outros problemas internos. Quando se discute sobre a questão racial no Brasil de forma geral entendemos que esse é um tema complexo, contudo ele se torna ainda mais denso no momento em que abordamos as questões de gênero. No que se refere às mulheres negras pode-se afirmar, que essa questão é ainda mais complicada, pois, o processo histórico da mulher negra no Brasil, deixou uma bagagem, onde estão misturados estigmas, preconceitos e discriminações, utilizados até os dias de hoje, inclusive pelo próprio homem negro (SILVA, 1994, p. 70). Nesse sentido, é fundamental a existência de trabalhos voltados aos problemas específicos da mulher negra, pois são conhecidas as pressões existentes relacionadas ao padrão de beleza imposto pela mídia, ao uso, recorrente, da imagem de mulher sensual, e questões de saúde como doenças e a questão reprodutiva. É fato que as mulheres negras não só são consideradas inferiores aos homens, como também não possuem as mesmas oportunidades que as mulheres de pele branca, sejam no mercado de trabalho, na educação ou nos serviços de saúde. Além disso, é importante citar o papel da mídia na transformação da mulher branca no padrão de beleza da sociedade brasileira, o que afetou, e afeta, a autoestima da mulher negra que passa a ter problemas para aceitar seu corpo e sua cor. Tendo em consideração o mercado de trabalho, ocorreram avanços, entretanto, muito tem que ser feito para que se possa ultrapassar a barreira das desigualdades sociais, por exemplo, ainda hoje, a ideia de “boa aparência”, isto é, a mulher de pele branca, ainda atrapalha e inferioriza a mulher negra na procura por empregos. No que diz respeito à saúde, o debate sobre direitos reprodutivos entra definitivamente em pauta graças à luta do movimento feminista negro, além do reconhecimento das diferenças étnicas e raciais nessa temática (CARNEIRO, 2003, p. 123). No que concerne à questão da esterilização cirúrgica, documentos da década de 1990 encontrados no acervo do MNU-PE discutem sobre os índices alarmantes no Brasil do uso desse método contraceptivo e sobre o projeto de lei, do ano de 1988, que visava à legalização da esterilização. O Movimento Negro considera essa tentativa de controle populacional uma campanha racista que visava o genocídio do povo negro (ROLAND, 2000, p. 247). A divulgação de diversas campanhas sobre o tema mostra que ele tem espaço de debate dentro do movimento de mulheres negras. Nesse sentido, o MNU em sua Carta de Princípios levanta a existência da exploração sexual, econômica e social da mulher negra. A entidade ainda afirma compromisso com essas mulheres apoiando a luta das empregadas domésticas e seus direitos trabalhistas, denuncia a violência contra mulher e o problema da questão reprodutiva, vista por eles como o processo de esterilização das mulheres do terceiro mundo. Por isso é nessa perspectiva que o MNU-PE possui, além dos grupos de trabalhos relacionados à Cultura e Educação, um direcionado a Mulher. Chamado de Omnira, esse projeto surge em 1993 com a finalidade de fazer um trabalho de conscientização com as mulheres negras para sua valorização e autoestima. O Omnira cria em 1993 seu próprio

boletim, que traz matérias relacionadas à mulher negra, abordando o combate ao racismo sem deixar de lado o papel da mulher e suas questões específicas, como tráfico de mulheres e a mulher no movimento. Através de seu boletim, é possível observar como o Movimento Negro deu início a uma reflexão sobre gênero, ajudando a construir grupos de mulheres cujo intuito era analisar as relações raciais sob o ponto de vista feminino. O *Omnira* é a voz feminina negra em alto e bom tom na história do MN no Recife, com importante missão de ressaltar as personagens e as cenas desse enredo que articula racismo e sexismo (QUEIROZ, 2010, p. 147).

CONCLUSÕES

Após doze meses de trabalho com a documentação e discussão da historiografia acerca do Movimento Negro e sobre as questões raciais, pode-se afirmar que a principal contribuição da pesquisa, diz respeito à divulgação das propostas e atividades do MNU-PE, mostrando seu papel na luta a favor de uma verdadeira democracia racial, dificultada pelo contexto social brasileiro, e pela igualdade não só racial, como também, de gênero. Nessa perspectiva, o trabalho direcionado a mulher negra, realizado pelo MNU-PE é uma das principais estratégias da entidade. Pode-se afirmar que em razão da riquíssima documentação encontrada no acervo, na Casa da Cultura, são várias as possibilidades para futuras pesquisas acadêmicas. Temas como as estratégias do MNU-PE para a mulher negra, campanhas contra o racismo e de conscientização sobre questões de saúde, entre outros assuntos, podem se converter em possibilidades para futuros trabalhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq por proporcionar essa experiência de pesquisa através da Bolsa de Iniciação Científica, aos militantes do Movimento Negro Unificado de Pernambuco por nos disponibilizar seu acervo e sua atenção, e a professora Isabel Guillen por ter acompanhado e orientado o nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p.117-132, 2003.
- HANCHARD, M. G. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio de Janeiro e em São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- QUEIROZ, M. R. F. *Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)*. 2010. 288 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- ROLAND, E. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo; HUNTLEY, Lynn (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, p. 237-256, 2000.
- SILVA, M. A. G. DA. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Fundação Cultural Palmares. Brasília, 1994.